

AS AVENTURAS DE OTTO E AÇAÍ NA CIDADE DE FREDERICA



*Alexsandro Donato Carvalho
Elizete G. Pinho Venâncio
Margarida Maria Dias de Oliveira*

Alexsandro Donato Carvalho
Elizete G. Pinho Venâncio
Margarida Maria Dias de Oliveira

As aventuras de Otto e Açai na cidade de Frederica

Almeida Gráfica e Editora Ltda.
João Pessoa/PB – 1998

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5.988,
de 14 de Dezembro de 1973.

Fotos e Capa:
Almir Félix Batista de Oliveira

Revisão:
Juliene Paiva

Projeto Gráfico:
Marconi Almeida

Impressão, fotolitos e Acabamento:
ALMEIDA GRÁFICA E EDITORA LTDA
Contato com os autores: (83) 2217125/ 2211892
almar@openline.com.br

981(813.3) "16" Carvalho, Alexsandro Donato
C 331^a

As aventuras de Otto e Açai na cidade de
Frederica/ Alexsandro Donato Carvalho, Elizete G.
Pinho Venâncio, Margarida Maria Dias de Oliveira.–
João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1998.
32p.: il.; 21cm

1.História-Brasil-Paraíba, séc. XVII. I.
Venâncio, Elizete G. Pinho. II. Oliveira,
Margarida Maria Dias de III. Título.

CDU 981(813.3) "16"

Sumário

Apresentação 07

Conversando com o professor 10

As aventuras de Otto e Açaf na
cidade de Frederica

Dedicatória

**A Luciana Moreira Carvalho e
Mariana Moreira Carvalho**

(Alex)

**A Arnaldo Beserra Venâncio,
Elinaldo e Antônio Ely**

(Elizete)

A José Dias Belo Neto e

Anderson Dias Viana

(Margarida)

Reservados todos os direitos e proibida a reprodução sem a autorização expressa do autor, de acordo com a Lei 5.988, de 14 de Dezembro de 1973.

Texto e Capa:
Almir Félix Batista de Oliveira

Revisão:
Juliane Pires

Dedicatória
Projeto Gráfico:
Marcelo Almeida

A Luciana Moreira Carvalho e
Larissa Moreira Carvalho
A Almir Félix Batista de Oliveira e
Antônio Dias Vianna
A Elisabete e Antônio Ely

Editora: Alameda Editora
Rua: Alameda, 100 - Vila Rica - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil
Fone: (31) 444-1111 - Fax: (31) 444-1112
CNPJ: 06.948.110/0001-90
E-mail: editora@alameda.com.br
www.alameda.com.br
Lithografia: Brasil-Paralela, snc. XVII, I
Venda: Rua G. Pádua, II - Oliveira,
Município de Maria Dalzina - Itaipava

Sumário

Apresentação	07
Conversando com o professor	10
As aventuras de Otto e Açai na cidade de Frederica	13
Proposta de estudo	22
Anexo	29

Sumário

07	Apresentação
10	Conversando com o professor
13	As aventuras de Otto e April na cidade de Frederica
22	Proposta de estudo
29	Anexo

Apresentação

A bucólica cidade de Frederica do século XVII é, nesta obra, não apenas o palco das aventuras (e desventuras) de Açaí, Otto e Zé. É, ela própria, personagem, protagonista. Suas ruas e ladeiras, bem como suas construções e bosques falam, contam do dia-a-dia das pessoas que a habitavam naqueles tempos. Cidade que se esparrama tímida e furtivamente pela colina, debruçada sobre o rio. Situada num ponto estratégico que permite aos seus moradores tomarem conta de quem se aproxima, identificando rapidamente o amigo e o inimigo. Cidade de militares, comerciantes e religiosos, de homens livres e escravos, de pobres e ricos, de vários europeus, índios e africanos, como Otto, Açaí e Zé. Uma cidade do período colonial, marcada pela soberania do grande “rio de açúcar”, o Parahyba.

“*Acompanhar Otto e Açaí por mais uma aventura na cidade*” foi a realização de um sonho para Zé, mas também para nós, e por vários motivos. Em primeiro lugar, pela iniciativa dos autores – Alexsandro, Elizete e Margarida -, em enfrentar o duplo desafio de trabalhar com a história local sob a forma de material didático para ser utilizado nas séries do ensino fundamental. Duas tarefas muito delicadas. Realizá-las não é fácil e, com competência, como nesse caso, mais difícil ainda. Sem dúvida alguma, a dispersão das informações sobre a dimensão local da história e da geografia e a carência de materiais didáticos adequados para o trabalho em sala de aula com crianças dessa faixa etária (sete aos dez anos), são

alguns dos fatores que mais dificultam a tarefa dos professores do ensino fundamental.

Um outro motivo é o fato do livro ser uma obra de equipe, com um tratamento interdisciplinar que busca a articulação das dimensões espaço-tempo (tanto no corpo do texto quanto nas propostas de estudo), aproximando o ensino de história e geografia do cotidiano vivido pelas crianças. É este, com certeza, o instrumento mais adequado para que essas disciplinas escolares não se percam no terrível labirinto da “decoreba” de nomes, fatos e datas relativos a pessoas e lugares. Uma tradição tão enraizada nas nossas escolas, principalmente quando se trata da história e geografia locais, que ainda hoje, no final do século XX, continua a provocar o martírio de professores e alunos, cansando os primeiros e matando, nos segundos, a curiosidade, a vontade de saber, de perguntar. Qualidades indispensáveis para o processo de conhecimento.

Uma outra qualidade dessa “*aventura*” é a disposição em enfrentar um “pedaço” pouco conhecido da cidade de João Pessoa, outrora Frederica e, mais outrora ainda, Filipéia. Com certeza, um dos períodos menos estudados da sua história é o de domínio holandês. Pouquíssimos trabalhos foram realizados sobre ele, em particular no que diz respeito às especificidades locais dessa dominação. O tratamento dado à questão pelos especialistas, em geral, está centrado na narrativa e datação dos acontecimentos e na referência aos administradores e líderes militares (em especial, os da resistência). Outros aspectos, como a organização das atividades econômicas ou a vida urbana, por exemplo, são abordados como mero desdobramento da situação vivida, naquela época, pela

Capitania de Pernambuco. Sendo assim, proceder a releitura desse importantíssimo documento, conhecido como **Relatório Herckmans**, para abordar aspectos relacionados ao cotidiano da cidade, naquele período, constitui-se, sem dúvida alguma, em uma importante contribuição para a sala de aula, mas também para a historiografia paraibana. Descobre-se, nessa “aventura” com Açaí, Otto e Zé, as inúmeras possibilidades de enxergar, em fontes inúmeras vezes trabalhadas pelos estudiosos como é o caso do **Relatório**, aspectos que têm sido desprezados. Percebe-se que a leitura atenta permite ir muito além do que, aparentemente, foi dito pelo autor.

Finalmente, este livro é importante porque trabalha em defesa da memória da Frederica-João Pessoa. Cada rua, praça e monumento carrega a história vivida por sua gente, mas não apenas isso. Cada um desses espaços tem, ele próprio, uma história. Este livro ajudará, com certeza, as crianças a perceberem que, no fluxo do tempo, tudo está em permanente transformação, perdendo velhos e ganhando novos significados. Tanto quanto as pessoas a habitam, é esta uma cidade histórica, portanto, uma cidade viva!

João Pessoa, na bela manhã ensolarada de 05/08/98
(dia do aniversário da cidade).

Regina Célia Gonçalves¹

¹ Professora do Departamento de História da UFPB/Campus I.

Conversando com o professor

O ensino de História e Geografia, na primeira fase do ensino fundamental (as antigas primeira e quarta séries do primeiro grau), requer do professor uma sensibilidade toda especial para o mundo em que vive a criança.

Apesar de alguns historiadores serem contra o ensino de História já nessa fase, a necessidade do conhecimento do tempo e do espaço por parte da criança é inquestionável.

Nossa proposta se insere nessa necessidade. Discordamos do ensino da História e da Geografia como conceitos distanciados dos estudantes e, por isso mesmo, decorados de forma mecânica e rapidamente esquecidos. Por causa desse ensino tradicional, a História e a Geografia têm sido assimiladas como áreas de conhecimentos decorativas, enfadonhas e, até mesmo, sem nenhuma importância e utilidade prática no nosso dia a dia.

Compreendemos o ensino de História e Geografia como parte do cotidiano a partir da realidade e da atualidade. O tempo e o espaço devem ser assimilados a partir da vivência e da construção desses conceitos, não como produtos prontos e acabados exteriores à vida dos alunos.

Partir da realidade e da atualidade significa, sobretudo, partir da história local, seja esta sua rua, seu bairro, sua cidade, o sítio onde mora, entre outros.

Procuramos, para isso, um dos documentos mais conhecidos e trabalhados na História da Paraíba. A retomada das fontes escritas como instrumentos do ensino da História e da Geografia destoa totalmente da visão

tradicional de documento como sinônimo do que aconteceu na realidade e símbolo da verdade.

A fonte escrita é agora contextualizada e interpretada no tempo e espaço da sua produção, sem menosprezar o lugar social, interesses, valores, ou seja, todos os aspectos subjetivos e objetivos que condicionam o produtor ou os produtores de fontes históricas.

O Relatório escrito por Elias Herckmans, conhecido como Descrição Geral da Capitania da Paraíba, foi escrito em 1639. O autor foi um dos Diretores da Companhia das Índias Ocidentais, fruto da associação de comerciantes diretamente interessados na exploração dos produtos e das terras invadidas pelos holandeses em 1634.

O objetivo de relatórios como esse (existem vários outros de outros autores) era “desenhar” essas terras, suas formas de vida, os produtos que continham (passíveis de comercialização).

Da edição que nós utilizamos, publicada com apresentação e atualização ortográfica de Wellington Aguiar e notas de Marcus Odilon Ribeiro Coutinho (1982), temos algumas informações. Segundo essa edição, este relatório foi publicado nos anos de 1887, 1911 e 1964, na Crônica do Instituto de Utrecht, na Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco, no Almanaque do Estado da Paraíba e na Revista da Faculdade de Filosofia da Paraíba, respectivamente.

Geralmente utilizado nas Universidades paraibanas, este importantíssimo documento abre-se agora para novas leituras. Aos estudantes do ensino fundamental e médio. Sim, porque essa adaptação, mesmo preferencialmente voltada para crianças não significa que não possa ser estudada – variando as temáticas e

aprofundamentos – por estudantes da segunda fase do ensino fundamental e do ensino médio.

Se essa publicação significar um novo olhar sobre como ensinar e aprender história e geografia da Paraíba e, sobretudo, da nossa querida João Pessoa, nosso trabalho estará recompensado.

As aventuras de Otto e Açaí na cidade de Frederica



A Praça do Mercado estava repleta de curiosos que assistiam às chicotadas dadas em José, popularmente conhecido como “Zé”. Apesar de todas as dores e as lágrimas que escorriam no seu rosto, as últimas horas antes daquele momento de sofrimento tinham sido bastante gratificantes.



Acompanhar Otto e Açaí por mais uma aventura na cidade tinha sido a realização de um grande sonho. Todos os dias, Zé olhava quando O t t o , disfarçadamente, fugia da casa de taipa coberta de palha e cercada por um pequeno sítio de árvores frutíferas, em frente ao

convento dos Beneditinos. Do lado esquerdo desse Convento - que já devia estar pronto não fosse os holandeses terem-no utilizado como ponto de observação privilegiado da área mais baixa da cidade, banhada pelo Rio Sanhauá - Zé trabalhava na construção da casa do seu senhor, Duarte Gomes da Silveira e, do local de trabalho, ele observava Otto juntar-se a Açaí, um belo indiozinho da tribo Potiguara.

As lembranças levavam-no a outros momentos quando ainda não havia sido privado da convivência da sua família, e aqueles dois garotos tinham o espírito bagunceiro dos filhos que ele havia perdido quando da sua vinda forçada para o Brasil.

Nesse dia, então, ele resolveu fugir do trabalho e juntar-se aos meninos. Saiu de fininho e, com andar apressado, venceu os trinta metros que o separavam dos garotos.

Os meninos ficaram contentes, eram acostumados a escutar as belas histórias que o escravo contava em meio a um serviço e outro que fazia.



Foram ver o movimento no Convento a dos Franciscanos que agora servia de abrigo aos mercadores

holandeses. Correram pelo caminho que ficava ao lado direito da Matriz, ainda em construção, atravessaram um



terreno cheio de árvores e uma relva cortada por estreitas trilhas que marcavam o vai-e-vem dos habitantes.



Uma caravana de mercadores subia pela ladeira de São Francisco e aproximava-se da trincheira que guardava o Convento. Era um espetáculo bonito para os

pequenos olhos azuis de Otto e os cor de mel de Açai. Zé admirava tudo, e seu corpo tremia de medo dos castigos que viriam e de emoção da aventura que se iniciava.

Dirigiram-se ao sul pela rua Direita, passaram na esquina da casa do Conselheiro, havia pouca gente na Praça do Mercado. Avistaram o pelourinho, e os meninos olharam para o amigo como perguntando o que estava para acontecer.

Zé fixou seu olhar no pelourinho, e o desejo



de liberdade veio mais forte na mente e no coração. Seguiram no sentido sul pela Rua Direita, mas antes procuraram a benevolência das senhoras e senhores que



saíam da Igreja da Misericórdia, construída por Duarte Gomes da Silveira e que dela se serviam os portugueses enquanto a construção da Matriz não se concluíra.

Seguiram, então, mais ao sul e passaram pela frente da Igreja de São Gonçalo, que marca o limite da cidade. Era um prédio bonito, mas não os tocava no sentido religioso. Dali, mais para o sul e para o Ocidente, havia um

bosque que, além de frutas e caças, continha também uma deliciosa fonte d'água.



Passaram quase todo o dia por lá. Admiraram algumas belas árvores, tentaram caçar, chuparam muitos cajus. Por volta de duas horas da tarde, sentaram-se embaixo de uma mangueira e descansaram depois de um delicioso banho na fonte.

Notaram o sol já muito alto, e Otto lembrou-se de que sua mãe devia estar muito preocupada. No entanto, prendeu sua atenção à história que Zé estava

contando sobre a repercussão do rapto, por homens brancos, do Rei de uma tribo vizinha à sua.

O sol já estava se pondo quando começaram a organizar a volta, mas Zé não voltaria, apenas os meninos, porque ele tinha planos de fugir. Determinou que Otto e Açaí deveriam retornar pela Rua Direita no sentido norte até o Convento dos Franciscanos. De lá, Otto voltaria para sua casa na Rua Nova, de frente à Matriz, e Açaí se juntaria aos seus na missão a uns cinquenta metros a leste do convento dos Carmelitas e controlada pelos mesmos.



Ele se esconderia até a noite no caminho através do bosque para o sul e fugiria para o ocidente em

direção ao Rio Tibiri, mas o mais longe possível de onde ficava a força.

Tudo teria dado certo não fosse a preocupação da mãe de Otto e ela ter informado a Duarte Gomes da Silveira que D. Nara, sua vizinha, viu os meninos acompanhados do escravo fugido na Igreja da Misericórdia.

O senhor botou alguns homens para recuperar o escravo, e estes encontraram os meninos já quando estavam de volta, a uns vinte e cinco metros da Praça do Mercado.

Os homens, dentre eles um índio que rastreava muito bem, refizeram o percurso dos meninos e, não sem alguma dificuldade, conseguiram prender o escravo.

A Praça do Mercado estava repleta de curiosos que assistiam as chicotadas que eram dadas em Zé. Otto e Açaí, como castigo, foram forçados a assistir. Eles sentiram muito o sofrimento do amigo, mas sabiam que ele seria forte e resistiria, aquela amizade e as aventuras não podiam acabar ali...

Propostas de estudo

Professor,

As propostas de atividades abaixo relacionadas têm três características principais: 1) a união dos conhecimentos históricos e geográficos; 2) a participação criativa do alunado e 3) o professor como elemento instigador de uma “leitura” do espaço urbano a partir do trabalho de campo, dando ênfase na relação passado-presente.

A relação entre professor e aluno é mediada pelo conteúdo. Logo, é importante salientar que o professor é o elemento condutor e, portanto, deve dar o suporte necessário para que o aluno tenha acesso aos recursos necessários na construção do conhecimento.

Levando-se em consideração os assuntos abordados no texto, as atividades deverão se iniciar na sala de aula de forma prazerosa, mas não restringindo-se a ela.

- 1) Sugestão para confecção de painéis:
 - a) Sobre os elementos constitutivos da formação do povo brasileiro (pelos alunos):

Branco:

- a) diversidade dos povos europeus na história das invasões: portugueses, espanhóis, holandeses, franceses;
- b) atividades econômicas;
- c) organização política;
- d) organização social;
- e) vida religiosa;

f) aspectos culturais.

Negros:

- a) diversidade de nações africanas na formação do povo brasileiro: Bantus, Sudaneses, Malês;
- b) atividades econômicas;
- c) organização política;
- d) organização social;
- e) vida religiosa;
- f) aspectos culturais.

Índios:

- a) diversidade de nações indígenas na formação da nação brasileira: (dentre elas, Tupi e Cariri);
- b) atividades econômicas;
- c) organização política;
- d) organização social;
- e) vida religiosa;
- f) aspectos culturais.

a) Pelo Professor:

Havendo condições, o professor poderá montar um painel com fotos antigas dos logradouros citados no texto ou de áreas próximas, com o objetivo de mostrar ao aluno as diferenças ocorridas no espaço urbano.

2) Confeccione uma maquete do espaço vivenciado na história (Ruas Gal. Osório, Duque de Caxias, Visconde de Pelotas e adjacências). Para essa confecção, poderão ser utilizados materiais tradicionais como o papel ou isopor ou pode-se inovar, utilizando a sala de aula ou o pátio da escola.

a) Faça um estudo comparativo do trecho do Relatório escrito por Elias Herckmans (Anexo), com as Aventuras de Otto e Açái na cidade de Frederica. Assinale na maquete as denominações antigas ao lado das atuais. As artérias podem ser marcadas com giz e carteiras ou mesas servirem para assinalar as construções citadas no texto.

2) Sugestões para a atividade de campo:

a) De posse dos painéis, desenvolva o trabalho de campo;

b) Leve seus alunos aos locais citados no texto;

c) A partir da visita aos locais, lance questionamentos como:

- Função original das construções;
- Função durante o período de invasão holandesa;
- Função atual das construções.

d) Objetivando a aprendizagem de localização no espaço, sugerimos:

- utilização do mapa da cidade para exercícios dos pontos de orientação (pontos cardeais, colaterais e sub-colaterais);

- trabalhar as diferenciações da imagem real comparando-a às convenções e legendas cartográficas;
- de posse de um mapa da cidade “mudo”, assinalar de acordo com as convenções cartográficas, os trechos descritos no texto;
- reconstrução, por parte do aluno, do espaço observado através do desenho;
- tomando por ponto de partida a Matriz, crie rotas para os pontos citados no texto, enfatizando os pontos de orientação.

4) Faça uma esquete (dramatização de curta duração):

a) Procedimentos:

- O professor deverá fazer a leitura e discussão do texto com os alunos;
- Dividir a sala em grupos para que os alunos possam organizar a fala dos personagens principais (Otto, Açai e Zé);
- Podem ser criadas falas para os personagens secundários: Duarte Gomes da Silveira, comerciantes etc.;
- Fazer um mapa, identificando as construções da cidade: Igrejas, casas, praças etc.;
- Escolher alguns alunos para representar as construções.

5) Com o objetivo de fazer os alunos perceberem as permanências e mudanças do espaço urbano,

divida a sala em grupos e solicite a redação de um texto no qual seja descrito o mesmo espaço, mas na sua configuração atual. Os sujeitos da nova aventura podem ser os alunos ou personagens fictícios.

a) Recriação de textos a partir de palavras-chave:

- O professor deve escolher, em média, dez palavras-chave, recorrentes no texto ou fundamentais para o seu entendimento;
- Expostas as palavras-chave no quadro de giz, solicite a criação de um texto a partir delas;
- Utilizando os pontos de orientação (pontos cardiais, colaterais e sub-colaterais) recomende a recriação do texto pelo aluno, descrevendo novos percursos.

6) Dicas para uma interdisciplinaridade:

a) Com o professor de Português, é possível trabalhar interpretação de textos, gramática e redação.

b) Objetivando a leitura ordenada do texto, sugerimos ao professor de Língua Portuguesa:

- * retalhar o texto por parágrafos;
- * misturar os parágrafos;
- * distribuir em grupos;
- * de acordo com o número de grupos dividir os parágrafos entre eles;
- * solicitar o ordenamento dos parágrafos;
- * a partir do ordenamento feito pelos grupos, recuperar o texto completo sob forma de painel.

c) Com o professor de Educação Artística, além da dramatização, é possível trabalhar noções de patrimônio histórico/arquitetura.

d) Com o professor de Matemática, é possível trabalhar cálculo de distâncias, medidas, noções de geometria.

que do rei se erguem. O convento de S. Francisco é o maior e o mais bello dos conventos de um lado, e por dentro foi cercado com regularidade. No ano de 1630, os índios e particularmente o guardião, Frei Manoel de S. Maria, tendo se unido a escrever cartas a Mattias de Albuquerque, governador do rei as quais caíram em poder dos Neerlandeses, expulso-se o guardião da terra; e como os soldados do rei capitaneados por Francisco Rabelo levantaram a Capitania, os índios de S. Francisco foram postos fora do convento, em virtude da revolução tomada pelos Conselheiros Políticos, e o convento fortificado para servir de asilo ou refugio aos mercadores neerlandeses em occasões de necessidade. Fez-se pois uma trincheira em todo o dele com uma bateria que se collocou diante da igreja para defender a entrada ou avenida. Presentemente alojam-se nesse convento o director da Capitania e os soldados que estão si de guarnição.

Segue-se o convento dos Carmelitas, cujos fundos se têm conservado até o presente. O convento não está ainda de todo acabado, porque somente há poucos annos que este lugar é cidade, e em grande parte lhes faltaram os meios.

Segue-se o convento de S. Bento. Quando os Neerlandeses o occuparam, estavam levantadas as suas paredes, mas não tinha coberta, e muito menos se achava inteiramente construída. Eles o teriam construido convenientemente, mas, como por occasião do cerco achou-

c) Com o professor de Educação Artística, além da dramatização, é possível trabalhar noções de patrimônio histórico-artístico.

d) Com o professor de Matemática, é possível trabalhar o cálculo de distâncias, medidas, noções de geometria.

a) Recriação de textos a partir de palavras-chave:

- O professor deve escolher, em média, dez palavras-chave, recorrentes no texto ou fundamentais para o seu entendimento;
- Expostas as palavras-chave no quadro de giz, solicite a criação de um texto a partir delas;
- Utilizando os pontos de orientação (pontos centrais, colaterais e sub-colaterais) recomende a recriação do texto pelo aluno, descrevendo novos percursos.

6) Dicas para uma interdisciplinaridade:

a) Com o professor de Português, é possível trabalhar interpretação de textos, gramática e redação.

b) Objetivando a leitura ordenada do texto, sugerimos ao professor de Língua Portuguesa:

- trabalhar o texto por parágrafos;
- organizar os parágrafos;
- distribuir em grupos;
- de acordo com o número de grupos dividir os parágrafos entre eles;
- solicitar o ordenamento dos parágrafos;
- a partir do ordenamento feito pelos grupos, recuperar o texto completo sob forma de painel.

ANEXO

“A cidade de Frederica está situada ao comprido sobre a eminência do monte que fica defronte da Baía do varadouro. Contam-se nela seis igrejas e conventos, que são os seguintes. O convento de S. Francisco é o maior e o mais belo: está cercado de um muro, e por dentro foi construído mui regularmente. No ano de 1630, os frades e particularmente o guardião, frei Manoel de S. Maria, tendo se metido a escrever cartas a Matias de Albuquerque, governador do rei as quais caíram em poder dos Neerlandeses, expeliu-se o guardião da terra; e como os soldados do rei capitaneados por Francisco Rabelo invadiram a Capitania, os frades de S. Francisco foram postos fora do convento, em virtude da resolução tomada pelos Conselheiros Políticos, e o convento fortificado para servir de asilo ou refúgio aos mercadores neerlandeses em ocasiões de necessidade. Fez-se pois uma trincheira em torno dele com uma bateria que se colocou diante da igreja para, dominar a entrada ou avenida. Presentemente alojam-se nesse convento o diretor da Capitania e os soldados que estão aí de guarnição.

Segue-se o convento dos Carmelitas, cujos frades se têm conservado nele até o presente. O convento não está ainda de todo acabado, porque somente há poucos anos que este lugar é cidade, e em grande parte lhes faltaram os meios.

O mesmo se dá com o convento de S. Bento. Quando os Neerlandeses o ocuparam, estavam levantadas as suas paredes, mas não tinha coberta, e muito menos se achava interiormente construído. Eles o teriam construído convenientemente; mas, como por ocasião do cerco achou-

se que esse lugar estava mui bem situado para servir de fortificação, diante da cidade levantou-se uma trincheira em torno do convento. Conservou-se essa trincheira até o ano de 1636, em que se dispôs o convento de S. Francisco para servir de fortificação; demoliu-se então a trincheira, e entregaram aos frades as paredes do convento, como estavam. Mas até esta data eles nada mais têm aí construído.

Além destes três conventos, há nesta cidade três igrejas, a principal das quais é a matriz. É uma obra que promete ser grandiosa, mas até o presente não foi acabada, e assim continua, arruinando cada vez mais de dia em dia.

Segue-se a igreja da Misericórdia. Está quase acabada; os Portugueses servem-se dela em lugar da matriz. O seu fundador foi Duarte Gomes da Silveira, senhor de Engenho, que a construiu à sua custa, assim como tem promovido a edificação desta cidade, auxiliando com dinheiro a muitos moradores que desejavam construir casa. Ele próprio levantou um magnífico prédio ao lado ocidental do convento de S. Bento para lhe servir de casa; mas não está acabada, e se acha quase que somente em caixão, mostrando quão grande seria se estivesse concluída.

A sexta e última igreja, que assinala também o limite extremo da cidade, é uma igrejainha, ou, para melhor dizer, uma simples capela com a denominação de São Gonçalo.

Daí estende-se a cidade para o oriente até o convento de S. Francisco com o comprimento de quase um quarto de hora de viagem, mas escassamente edificada e com muito terreno desocupado.

Desse ponto segue o caminho através do bosque, prolongando-se geral mente ao sul e depois ao

ocidente para Tibiry, e rio acima a um tiro de mosquete da capela fica a forca junto ao caminho, na qual se costuma justicar.

Pouco mais ou menos no meio da cidade e do lado do sul fica a casa do Conselheiro com a praça do mercado; aí está o pelourinho, que assinala o lugar, das execuções na cidade.”²

² HERCKMANS, Elias. Descrição Geral da Capitania da Paraíba. João Pessoa, 1982. Pp. 13 e 14.

... para a construção de um templo que fosse mais adequado ao culto e à educação dos fiéis. O projeto foi aprovado e a obra começou a ser realizada em 1715. O templo foi concluído em 1720 e passou a ser conhecido como Igreja de São João Batista.

Além destes três conventos, há outros edifícios religiosos, a principal das quais é a matriz. É uma obra que merece ser mencionada, pois não só o projeto, mas também a execução, representam um exemplo de arquitetura barroca.

Segue-se a Igreja de São João Batista. Esta igreja foi fundada, os Portuquezes vieram-se dela em lugar de matriz. O seu fundador foi Duarte Gomes de Sá, senhor de Engenho, que a construiu à sua custa, assim como promovendo a edificação desta cidade, auxiliando com dinheiro e materiais mercadores que desejavam construir casa. Ele parou de trabalhar um magnífico prédio ao lado ocidental do convento de S. Bento para lhe servir de casa, mas não está acabada, e só resta quase que nada mais em razão, mantendo-se ao grande estilo e com uma conclusão.

A igreja é ditada igreja, que a sua torre também o faz de matriz da cidade. É uma igrejainha, ou, para melhor dizer, uma pequena capela, ou a denominação de São João Batista.

174) Capela de São João Batista e a igreja de São João Batista. São João Batista e a igreja de São João Batista. São João Batista e a igreja de São João Batista.

... a igreja de São João Batista, que a sua torre também o faz de matriz da cidade. É uma igrejainha, ou, para melhor dizer, uma pequena capela, ou a denominação de São João Batista.



